

Econômica-Brasil

Frango al primo canto

VILLAS-BÔAS CORRÊA *

Entoando o refrão do *Abre Alas*, a classe C não pede passagem, mas invade o espaço da classe média, em vertiginosa ascensão, agora retomada com o impeto do êxito do Real.

Não expulsa a classe média, dona tradicional do pedaço, com suas diversas subdivisões. Nele se insere, infiltrando-se pelas brechas, esgueirando-se pelas beiradas, como menino de antiga mente penetrava no circo por debaixo da lona. Representa a maior mancha percentual no quadro da sociedade pelos índices de avaliação da capacidade econômica e ameaça assumir a liderança como formadora de opinião pública. E provocando tremendo rebuliço nos esquemas políticos traçados pelos critérios tradicionais.

O fenômeno que vinha pintando nas estatísticas de consumo — desde o frango, que virou emblema do Real, à carne bovina, ovos e demais gêneros tradicionais na mesa do brasileiro de renda modesta —, afinal foi flagrado, de corpo inteiro e de perfil, na irretocável reportagem de Cláudia de Souza, que ocupou a terceira página da edição de domingo, 25, com o título, que é a chamada introdutória perfeita, de “A classe emergente do Real”.

Não é ainda o retrato completo, com os sombreamentos que destacam os volumes e os víncos acentuando a gravidade da fisionomia. Mas, o

roendo amarguras, com azinharve na alma, foi refazendo a cabeça, ajeitando a cuca, assistindo da arquibancada os shows de escândalo e corrupção que foram os espetáculos da moda na década de 90. A defenestrado de Fernando Collor de Mello, o primeiro presidente eleito no modelo de sucessão em dois turnos, abriu a temporada. E que prosseguiu com a CPI do Orçamento que pilhou em flagrante a quadrilha dos anões.

Escovou o pó das frustrações e voltou a sonhar com as promessas do Plano Real, na virada do governo do presidente Itamar Franco e que pavimentou o caminho de Fernando Henrique Cardoso no primeiro turno da eleição de 94.

A classe C está pronta para desempenhar seu papel nos programas do futuro. Escancarando uma imensa interrogação que só o tempo responderá. Alguns indicadores talvez ajudem a antever seus possíveis roteiros. Pelas respostas às bisbilhotices das pes-

tantâneo, colhido ao vivo pela objetiva da pesquisadora Fátima Pacheco Jordão, com 20 anos de prática na especialidade da pesquisa qualitativa.

Convém que o governo, os partidos, a imprensa e quantos militam na área, cuidem de explorar o filão e que descobre a mina da mais importante novidade, de mais amplas e imprevisíveis influências no desenho social e político do país.

A descoberta chega na hora, confirmado o que se pressentia. Com a vantagem de esboçar largamente a revolução que já começou e ainda não foi levada a sério.

A classe C, como a matéria didaticamente explica, representa o maior contingente do eleitorado e compõe-se do segmento da população com renda de até cinco salários mínimos. Saltou de 35% para 38% da população urbana nos últimos anos, segundo pesquisa em nove das maiores cidades metropolitanas do país.

Cresce, em cadência que se acelera a cada nova investigação. Derrubando mitos na escalada. Como o do desinteresse pela educação dos filhos, cedo retirados da escola para competir no mercado de trabalho. Inexato. A classe C absorve os valores da classe média e dá extrema importância a que os filhos não interrompam os estudos até a conclusão do primeiro e segundo graus. Estimula, com empenho ascendente, a luta pelo diploma no curso superior.

Torce o nariz, num gesto de desagrado, às novelas e ao noticiário apressado e superficial da televisão e do rádio e está lendo mais jornais, como provam os índices de circulação que subiram 32% de 1988 a 1995, saltando de 1,8 milhão de exemplares/dia para 2,4 milhão.

Comer mais frangos, mais bifes, comprar mais geladeiras, televisões, aparelhos de som, eletro-domésticos, vídeos são os sinais perceptíveis da ascensão da classe C. No movimento que começou com o cruzado em 86, cortado no vôo com a deceção e o fracasso.

quisas pioneiras, entremostra-se na aparente contradição de reformista e conservadora.

Não é assim tão difícil desatar o nó. Como toda classe ascendente, que começa a virar a página de secular marginalização social, os emergentes de até cinco salários mínimos são extremamente ciosos das conquistas, do modesto status que começam a desfrutar com um ano e meio de inflação controlada e que abriu as portas dos supermercados e o acesso às prateleiras e balcões das lojas.

Moralista e com vivo senso ético, aprendeu a juntar informações e a compará-las. Avalia claramente a injustiça do governo, sovina e resmungão na hora de investir na área social, e mão aberta até à prodigalidade quando socorre bancos falidos. Aprendeu no toco que a corrupção degrada os serviços públicos que lhe são absolutamente essenciais.

Mas, como é que essas avaliações, a profunda mudança no padrão de vida e nos valores moldaram o perfil do eleitor da classe C nas próximas e decisivas rodadas de urna? Este ano, na eleição de prefeitos dos cinco mil municípios do inchaço aloprado produzido pela Constituição de 88 e de milhares de vereadores? E em 98, na eleição nacional para a escolha do presidente da República, dos 27 governadores e a renovação da Câmara dos Deputados e de um terço do Senado?

Certo mesmo, por enquanto, é que estamos com um dado novo e que promete virar de cabeça para baixo o quadro político. A nova fonte formadora de opinião pública mantém laços tradicionais com as câmadas mais desfavorecidas, com os bolsões de miséria extrema e de pobreza absoluta. E tem intimidade com a classe média superior, seu novo degrau nas pesquisas.

O baralho muda de mãos. E quem vai dar as cartas ainda não mostrou o jogo. A dona da banca na hora exata, exibirá o naipe da vez.

